

15

O compromisso

Chamados ao concurso fraterno, em auxílio de pequeno grupo familiar, fustigado por doloroso caso de obsessão, instrutores amigos nos indicaram alguém no plano físico, que poderia colaborar conosco. Alberto Nogueira, a pessoa certa. Médiun que reencarnara, trinta e seis anos antes, sob o amparo do núcleo espiritual de que partiria a nossa expedição socorrista.

Tratando-se de companheiro que ainda não conhecíamos, em sentido direto, meu amigo Saturnino e eu, atendendo à recomendação de companheiros outros, fomos compulsar-lhe a ficha, ou melhor, o processo que lhe dera origem à existência atual, com tarefa mediúnica de permeio.

Engolfados na consulta, lemos comovidamente a súplica do próprio Alberto, antes do renascimento, ali nas primeiras folhas da curiosa documentação:

Senhor Jesus!

Conheço a minha posição de Espírito delinquente e, por isso, rogo a vossa permissão para tornar ao campo terrestre, de modo a resgatar minhas faltas. Pequei contra as leis de Deus, oh! Divino Tutor de nossas almas, e fomentei intrigas nas quais, a mando meu, pereceram dezenas de cria-

turas. Destruí lares, abusando da autoridade de que me assenhoreei por atos de rapina, e perverti a inteligência, patrocinando o furto e o crime, a espalhar a fome e o sofrimento, entre os meus irmãos da Humanidade! Concedei-me a volta ao corpo terrestre, Senhor, com os necessários recursos da provação depuradora! Quero que a lepra me desfigure, a fim de que eu pague com lágrimas constantes as feridas que abri nos corações indefesos! Quero padecer o abandono dos entes mais queridos, para que eu possa aprender quanto dói a deserção dos compromissos abraçados. Rogo, Senhor, se tanto for preciso, que eu passe pela extrema penúria, esmolando o pão que me alimente e a veste que agasalhe as feridas que mereço! Se julgardes mais conveniente à minha depuração, dai-me a loucura ou a cegueira para que eu possa expiar minhas faltas, seja nas angústias do hospício ou nas meditações agoniadas da sombra!... Compreendo a extensão de meus débitos, e, se considerardes que devo apagar-me num cérebro incapaz ou retardado, fazei-me essa concessão! Seja através de calvários morais ou pelos mais detestados tormentos físicos, valei-me, Senhor, e dai-me novo corpo na Terra. Quero chorar, lavando com lágrimas de fogo as nódoas de meu passado e expor-me às mais duras humilhações a fim de regenerar minha vida! Senhor, concedei-me as aflições de que me vejo necessitado e anulai em mim qualquer possibilidade de reação! Fazei-me padecer, mas fazei-me viver novamente entre os homens! Quero corrigir-me, recomeçar! Bendito seja o vosso nome, Senhor! Bendita a vossa mão que me salva e guia!

Por baixo do requerimento comovedor, vinha a assinatura daquele que adotava agora no mundo a per-



sonalidade de Alberto Nogueira e, logo após, lia-se o magnânimo despacho da autoridade superior que determinava, em nome do Cristo de Deus:

O Senhor pede misericórdia, não sacrifício. O interessado resgatará os próprios débitos, em vida normal, com as tarefas naturais de um lar humano e de uma família, em cujo seio encontrará os contratempos justos e educativos para qualquer criatura com necessidades de reequilíbrio e aprimoramento, mas, por mercê do Senhor, será médium espírita, com a obrigação de dar, pelo menos, oito horas de serviço gratuito por semana, em favor dos irmãos necessitados da Terra, consolando-os e instruindo-os, na condição de instrumento dos Bons Espíritos que operam a transformação do mundo, em nome de Nosso Senhor Jesus-Cristo. Desse modo, assumirá compromisso aos trinta anos de idade, na existência próxima, e praticará a mediunidade com o Evangelho de Jesus, até os sessenta, quando se lhe encerrarão as oportunidades de trabalho e elevação, resgatando, assim, em atividade de amor, os débitos que teria fatalmente de pagar através do sofrimento. Louvado seja o Senhor!

Diante de páginas tão expressivas, decerto Saturnino e eu não precisaríamos alongar anotações.

Partimos, no encalço do seareiro do bem, com escala pela moradia que a obsessão atormentava.

Penetrando a cidade em que se nos situaria o serviço programado e atingindo a casa em que deveríamos trabalhar, vimos, para logo, uma jovem vampirizada por infeliz irmão, desde muito tempo habituado à perturbação no reino das sombras.

Imprescindível socorrer a menina ingênua, alertar-lhe a mente, sacudir-lhe as forças profundas da alma,

com informações e instruções suscetíveis de libertá-la. Nada de perder tempo.

Depois de uma prece, conseguimos influenciar a genitora da enferma, colocando-a, com a filha obsidiada, a caminho do templo espírita cristão, onde Alberto Nogueira estaria em serviço, na evangelização da noite, segundo os avisos por nós recolhidos na Esfera Superior.

Entre aflição e desapontamento, não o encontramos no lugar indicado.

Formulando indagações, por via telepática, ao simpático dirigente da casa, esclareceu-nos ele, em pensamento, que o amigo referido abandonara a pontualidade e aparecia raramente.

Surgira o impasse, de vez que para auxiliar, no momento, precisávamos de Alberto.

Munidos das informações necessárias, lográmos situar, novamente, mãe e filha conosco, à procura dele.

Vinte horas e vinte minutos. Achámo-lo em bonita varanda, lendo um jornal do dia, em larga espreguiçadeira.

Inspirada por nós, a desvalida senhora solicitou-lhe a colaboração mediúnica em socorro à doente. Humilhou-se, rogou, chorou, mas Nogueira respondeu, inflexível:

— Não, senhora, não lhe posso ser útil. Realmente, por dois longos anos servi na condição de médium, nas obras de caridade. Finalmente, adoeci... Aliás, não sei se adoeci ou se me cansei. A senhora sabe, um homem que é pai de família, como eu, com deveres enormes a cumprir, tem que zelar pela própria saúde... Preciso defender-me...

E porque a infortunada mãe insistisse, atendendo-nos aos rogos, rematou numa tirada humorística:

— A única criatura que trabalha, dando de si sem pensar em si, que eu saiba até agora, é só o burro.



Saímos como entrámos, carregando o mesmo problema, a mesma inquietação.

Aquele espírito valoroso que pedira lepra, cegueira, loucura, idiotia, fogo, lágrimas, penúria e abandono, a fim de desagrar a própria consciência, no plano físico, depois de acomodar-se nas concessões do Senhor, esquecera todas as necessidades que lhe caracterizavam a obra de reajuste e preferia a ociosidade, enquadrado em pijama, com medo de trabalhar.



## O malfeitor

Terminada que foi a tarefa de evangelização no templo espírita, a que emprestavamos concurso fraterno, acompanhei Anísio Terra, amigo espiritual de muito tempo, que me dissera estar encarregado por alguns instrutores de socorrer um moço obsesso, ameaçado de colapso nervoso naquela mesma noite. Por espírito de aprendizado, dispus-me a seguir o companheiro que se postara rente a dois cavalheiros bem-postos, distintos irmãos encarnados, que Terra me designou pelos nomes de Noronha e Silva, conhecidos dele e frequentadores da casa.

Atento ao hábito de cooperar sem perguntar, aco-modei-me, ao lado de Anísio, no ônibus que levava os dois senhores, que passaram a entretecer curioso diálogo.

— Creia que fiquei emocionado com a preleção evangélica de hoje. Há muito tempo não ouço um orador emitindo conceitos tão felizes em torno da caridade — falou Noronha, comovido.

— Sem dúvida... — respondeu Silva, reticencioso.

— Não acha você que os Bons Espíritos nos falaram por ele, induzindo-nos à piedade?

— Que quer dizer com isso? — disse o outro em tom de mofa.

— Nosso plano para esta noite...

— Será cumprido.

— Mas, você compreende... Existem muitos ca-